

  <https://doi.org/10.56238/aboreducadesenvomundiv1-059>

Alceu João de Deus

Doutor em Língua e Literatura Alemã pela USP
Professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP),
campus de Assis

RESUMO

Thomas Mann, um dos maiores escritores da literatura alemã e universal, dizia em seu exílio nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial: “Eu sou a Alemanha”. Afastado da sua pátria, fazia oposição ao nazismo. Do outro lado do Atlântico, enviava mensagens para o seu povo, numa tentativa de se fazer presente e de libertar os alemães daquele regime. Sonhava em voltar para o seu país. Depois da guerra, não voltou porque lá certamente não se sentia em casa.

Há dois mil anos, Jesus Cristo dizia: “Eu sou o Reino de Deus”, “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome eu estou no meio deles.” “O Reino de Deus está em vocês.”

Assim como os alemães esperaram pela volta de Thomas Mann, também os cristãos, há dois mil anos, esperam pela volta de Cristo. O escritor alemão certamente já voltou para a sua pátria e para os alemães de acordo com o seu sonho de um país

democrático. O mestre volta para a sua nação quando nela se sente em casa.

No caso cristão, o mestre ainda não voltou. Será que não voltou porque não quer ou porque não encontra um espaço sequer, no qual se sinta em casa e no qual pudesse repousar a cabeça, um espaço do tamanho de um grão de mostarda, um espaço mínimo que corresponda ao país de seus sonhos, um espaço do tamanho de Nossa Casa, o Reino de Deus, no qual dois ou mais estivessem reunidos em seu nome?

Se Cristo afirma “eu sou o Reino de Deus” e pede aos seus discípulos que façam o mesmo, não é verdade que o mestre só pode voltar quando um de seus discípulos transformar o espaço da sua casa numa unidade mínima do Reino de Deus e, assim, afirmar “eu sou o Reino de Deus” de acordo com o sonho de seu mestre?

Está aí a diferença entre o mestre e o discípulo: O mestre é a obra da qual fala. O discípulo fala da obra do mestre, mas ainda não está à altura de se transformar na obra da qual fala o mestre, o Reino de Deus.

Palavras-chave: Nossa Casa, Microcosmo, Reino de Deus.

1 INTRODUÇÃO

Nossa Casa é uma nação sem armas, sem muros, sem chaves e sem posses, fundada nos ensinamentos de Jesus Cristo. A sua estrutura permite que todos tenham acesso livre aos seus bens sem restrição alguma. Ela é uma miniatura de uma nação universal. Nunca existiu um país tão pequeno no mundo. Ela é a menor das sementes, o tesouro escondido, o Reino de Deus. Ela é a volta do Espírito de Cristo através daquele que estava morto e voltou à vida, o Filho Pródigo. Entenda-se: o mesmo Espírito que há dois mil anos profetizou essa nação e disse que a sua mensagem iria se espalhar pelo mundo para depois se cumprir no Reino de Deus, agora está de volta para construir essa nação, conforme as profecias das Escrituras.

Seu objetivo continua o mesmo de sempre: a convivência harmoniosa entre os seres humanos. Para alcançar seu objetivo máximo, ao final dos tempos, o Reino de Deus, Nossa Casa eterna, precisa

crescer até se tornar do tamanho do mundo. Então estaremos numa terra sem armas, sem muros, sem chaves, sem posses. Teremos alcançado o equilíbrio e a harmonização universal.

As profecias de Cristo sobre o Reino de Deus já foram espalhadas pelo mundo todo. Aqui começa uma nova fase: todo aquele que pratica os seus ensinamentos na perfeição é como o próprio mestre. A perfeição reside na construção da obra máxima chamada Reino de Deus, que começa em Nossa Casa. Todo aquele que com o seu trabalho, sem infringir lei humana alguma, conquistar um pedacinho de terra e consagrá-la para este novo país, seguindo o modelo da Nossa Casa, encarna o Espírito do próprio Cristo. Os cristãos e todos os seres humanos que estão divididos e não conseguem achar um caminho comum para resolver os problemas que afetam o planeta e as suas vidas, vão encontrar em Nossa Casa a resposta. Ela é a obra que vai levar o ser humano à unidade.

Quem quiser participar da construção dessa nação não precisa brigar com ninguém. Basta comprar um terreno em qualquer lugar do mundo, construir ali a Nossa Casa e deixá-la como herança para a humanidade. O mais belo presente que se pode deixar para seus semelhantes: uma semente de um mundo perfeito. O nome de quem agiu e agir assim ficará para sempre registrado no país universal chamado Reino de Deus, que vai trazer a paz definitiva para a terra.

Tudo o que a Nossa Casa ensina é o respeito ao construtor e ao espaço que lhe pertence. Sabemos que o construtor universal é Deus. Não há nenhum lugar que pode revelar melhor a nossa identidade do que o modo como organizamos o espaço que ocupamos. Toda construção reflete os valores do construtor. Nossa Casa é a cara do construtor universal. Nela estão refletidos os ensinamentos de Cristo em sua completude. Quem ama o espaço que ocupa, certamente não vai permitir que seja vendido. Quem ama o Pai e a Mãe, certamente não vai fazer da casa deles um objeto de comércio. Quem recebeu de um amigo ou amiga uma semente de um país perfeito, certamente vai deixá-la germinar e não permitir que seja sufocada pelos espinhos. A prática da Nossa Casa é a defesa do sagrado. O nome, os valores e o espaço de cada pessoa são sagrados e devem estar fora do mercado. O modo como estamos dentro da Nossa Casa é o modo como olhamos para o mundo. Se permitimos que os bens herdados de nossos pais ou amigos, que são gratuitos e representam os valores deles, sejam vendidos e transformados em dinheiro, acabamos por vender-nos a nós mesmos e a Nossa Casa, o planeta terra. Recebemos da energia que tudo criou, ao que chamamos de Deus, a vida, a terra e todas as riquezas, de modo gratuito, mas nós as vendemos e transformamos tudo em dinheiro. Nos textos sagrados, esta é a postura do filho pródigo. Chegamos à época histórica em que esse filho percebe o seu erro e volta para a casa de Deus. Eu sou apenas o primeiro.

Conforme os textos sagrados, o ser humano foi feito à imagem e semelhança de Deus. Se ele quiser corresponder a essa imagem, o mesmo modo de ser de Deus, então ele precisa criar e disponibilizar o que criou para todos. Esse é o sentido de acreditar em Deus, pois ele tudo fez e

disponibiliza tudo para todos, não importa se maus ou bons. Quando o ser humano atingir essa educação, esse modo de ser, então toda a ignorância, toda a maldade terá sido superada. A beleza da vida consistirá em passar de geração em geração esse conhecimento que permite o equilíbrio e a harmonia perfeita entre os seres humanos e o espaço que ocupam.

Ao longo da história da humanidade podemos vislumbrar um fio condutor que sempre seduziu o ser humano: a procura pelo espaço perfeito, a terra prometida, a nação dos sonhos. Esse desejo pode ser rastreado em muitos personagens da literatura, entre eles se encontra, por exemplo, o Fausto de Goethe que, depois de uma longa trajetória sem conseguir apaziguar a sua ânsia por conhecimento e poder, manifesta o seu desejo mais profundo: o de viver livre entre outros seres humanos numa terra livre. “Quisera eu ver tal povoamento novo, e em solo livre, ver-me em meio a um livre povo.” (GOETHE, 2013, vv. 11579-80).

Mas é principalmente nos textos sagrados das diversas religiões que encontramos as profecias e a projeção de uma nação perfeita, o paraíso, o céu, a nação divina. A trajetória para o céu implica em imaginar um espaço de convivência harmoniosa e pacífica perene entre os seres humanos. A busca por um espaço perfeito está presente, portanto, não só na ficção literária, mas principalmente nas religiões. Já que esse espaço nunca foi encontrado, essa busca tem sido considerada uma utopia. Somos hoje uma geração da distopia.

Por que então insistir na reflexão em torno de uma temática tão desgastada como a projeção de espaços perfeitos na confluência entre literatura e religião já que estamos numa sociedade pós-moderna ou, dito de outro modo, numa sociedade da distopia?

Nas palavras de Eduardo Galeano:

A utopia está lá no horizonte. Aproximo-me dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (GALEANO, E., s.d.)

No entanto, ao longo da história cada vez mais nos afastamos do sonho de uma harmonização universal e o espaço terra sinaliza um esgotamento e um desequilíbrio da natureza, causado por uma postura irresponsável do ser humano. Esse cenário é bastante preocupante. Se durante milhares de anos com uma natureza farta, com espaços sempre novos para explorar, o ser humano não conseguiu uma harmonização universal, pelo contrário, orquestrou as piores selvagerias quando a situação ficava tensa, o que esperar então desse mesmo ser num cenário adverso de população crescente e de espaços de vida diminuindo devido ao desequilíbrio da natureza?

Nossa Casa aponta para um novo caminho. Não o da utopia, mas o do espaço microscópico de um mundo perfeito encontrado, que tem por inspiração textos da literatura universal e textos das Escrituras Sagradas que projetam uma terra, na qual convivem harmoniosamente todos aqueles que

pararam de disputar o espaço. Ela está ao modo dos templos fora das prateleiras do mercado. Ela é espaço sagrado e realiza em sua forma microscópica um mundo verde, sem muros, sem chaves, sem armas, sem ladrões, sem prisões, sem guerras, sem fome, sem violência de espécie alguma. Se todos têm acesso livre e perene aos bens materiais e espirituais de onde poderia nascer a discórdia?

A poesia nasce do desejo do belo, da harmonização das partes com o todo. Nos grandes clássicos da literatura épica da antiguidade, em Hesíodo, Homero, Virgílio e nos textos sagrados das religiões podemos verificar essa tendência. Já nos clássicos da modernidade, entre eles Cervantes, Goethe e Dostoievsky, percebe-se de modo progressivo a impossibilidade da harmonização e da afirmação do herói. Há uma dissonância entre as partes. Um crescente desajuste entre o externo e o interno, de modo que no século XX, o poeta se encontra completamente isolado, como que remoendo as suas angústias pela ausência das musas e dos heróis de outrora. Entre o caos da polifonia de vozes da metrópole moderna, ele procura em vão uma luz no fim do túnel. Sente-se completamente abandonado por Deus.

Mas quem abandonou quem? Quem desistiu de buscar o céu, a harmonia perfeita? Restaram apenas os crentes das religiões, que através de seus ritos e dogmas, esperam pelo milagre do retorno de Cristo. Os poetas e filósofos desiludidos vivem o drama do existencialismo. Os heróis cultuados durante milênios, que de armas em punho disputavam o espaço com seus rivais, tornaram-se no século XX o horror do poeta. Mas ele não desistiu de sonhar. Diante da realidade cruel, da falta de um verdadeiro herói, da ausência de uma nação pela qual pudesse entoar seu canto, pela sua imaginação e pelo seu sonho, ele se reinventa e funda um novo país, chamado de Nossa Casa, onde a realidade interior e exterior novamente se harmonizam. A Terra Prometida, a Cidade Santa, a nação perfeita, o céu, o Reino de Deus, mesmo que do tamanho de um grão de mostarda voltou a existir e pode ser tocado. O poeta viu seu herói projetado nos textos sagrados e como não houvesse ninguém que o encarnasse, ele mesmo renasceu das cinzas e agora está pronto para travar o combate da luta contra o grande dragão. Ele não canta mais a façanha dos outros. Arrebatado pelos encantos de sua amada, ele agora a carrega em seu coração como quem encontrou o maior tesouro e a quer livre de todo o mal, como só Deus pode ser livre.

Pela beleza das formas de sua amada, o poeta agora desfila com ela pelo mundo, tendo em vista a urgência da libertação da terra, o templo sagrado, dos que dela fizeram um covil de ladrões. Invocando as musas no templo sagrado da Nossa Casa, ele compõe o seu canto de guerra, não ao modo das nações antigas, mas em perfeita sintonia com as profecias dos textos sagrados.

2 PROCLAMAÇÃO E INSTAURAÇÃO DO REINO DE DEUS, NOSSA CASA ETERNA, COMO PAÍS LIVRE E A CONVOCAÇÃO DE SEU EXÉRCITO PARA A BATALHA FINAL, A GUERRA SANTA

1. Do mesmo modo como todo mensageiro de Deus convocou o ser humano para a perfeição, baseado na fé e nas obras, tendo por meta final a instauração do Reino de Deus na terra, também eu, como Filho pródigo, perdido, fui encontrado, morto, voltei à vida, estou sendo enviado para a convocação dos Filhos e Filhas de Deus para a batalha final que trará o Reino de Deus de modo definitivo para a terra.
2. “Toda a terra é minha e vós me sereis um reino de sacerdotes e uma nação consagrada.” (Ex 19,6) Todo aquele que diz “eu creio em Deus”, mas não coloca o seu Reino em primeiro lugar, responde pelo crime do pior dos abortos: o aborto do Espírito divino, pois a semente foi lançada inúmeras vezes em seu coração. Toda tragédia humana está em abortar o Espírito de Deus, pois a vitória sobre a morte está nesse Espírito. Quem está Nele entende que a morte física não é o seu fim, pois a sua vida está no Espírito e a sua obra é o Reino de Deus.
3. Os templos de Deus espalhados em toda a terra são intocáveis. Eles há milhares de anos cumprem o seu papel de escolas do Espírito divino. Nossa Casa é o primeiro templo construído por aquele que estava morto e voltou à vida, e levará a terra a um só templo, tornando-se assim o braço direito dos templos, entrando em combate contra as forças inimigas dos templos até que todos os territórios sejam espaço consagrado a Deus. Entenda-se, espaço consagrado é aquele que está fora do mercado.
4. Não estou lhe pedindo para correr atrás de mim, nem tampouco quero as suas esmolas. Estou lhe convidando para assumir a posição mais nobre possível. O Reino de Deus está em você, na sua Casa. Fique onde está. O dia dos maus pastores e profetas mercenários já está em sua última hora.
5. Sabemos que como herdeiro de Deus você é proprietário legítimo de toda a terra com todas as suas riquezas, mas que pela lei humana você é apenas proprietário dos territórios que hora estão em seu nome.
6. Chegou o dia de olhar os fatos da perspectiva do verdadeiro dono das terras, o nosso Criador. Cada ser humano deve julgar por si mesmo o que é justo e decidir a que país, a que reino pertencem os territórios sob a sua autoridade. Se de fato você considera que pertencem a Deus, se a sua meta máxima é o Reino de Deus, se realmente se preparou para este dia, se já acordou para o chamado divino, seja você rico ou pobre, coloque o seu mínimo, os territórios que pela lei das nações estão legalmente sob a sua responsabilidade,

coloque-os de hoje em diante como território do Reino de Deus e faça prevalecer sobre eles a Escritura Sagrada. Retire-os do mercado e em unidade com o Espírito divino inscreva em sua casa o seu primeiro nome e acrescente a ele o sobrenome “de Deus”, pois esta família vai estabelecer, enfim, o seu reinado eterno sobre a terra. Assim se cumprem as palavras de Jesus: “Minha Mãe, meus Irmãos são aqueles que cumprem a vontade de Deus.” E a vontade Dele é o seu Reino na terra.

7. Quanto a você que já não tem mais nada em seu nome e lhe recusam até mesmo o dinheiro, a lavagem dos porcos, dirija-se a um dos templos para que seja reerguido e possa travar o combate dos nobres. Nobre é todo aquele que conquista um palmo de terra para o Reino de Deus.
8. Você que ainda tem algo em seu nome chame os que estão com você e acreditam em Deus. Firme com eles o pacto das Escrituras Sagradas de modo a não perder o pouco que ainda lhe resta, colocando seu território assim em unidade com todos os territórios ocupados pelos templos, libertando-os do jugo das nações que querem servir a dois senhores, a Deus e ao Dinheiro.
9. Estamos em unidade com Deus e conhecemos a verdadeira riqueza. Em verdade, nunca houve nem nunca haverá ser humano mais rico na face da terra do que aquele que tem seu nome inscrito no Reino de Deus. Todos os soldados, os Santos, que nos precederam e já têm seu nome inscrito nesse reino agiram do mesmo modo. É hora de juntar-se a eles.
10. Reivindica-se em caráter definitivo que as nações do mundo inteiro rendam-se ao Espírito divino que irá cobrir a terra com o seu reino. Depois de milhares de anos de saques e massacres, de trilhões de vidas ceifadas inutilmente e toda sorte de violências, de escravidão e subjugação dos mais fracos, pede-se aos líderes das nações a rendição incondicional, o reconhecimento da má administração da terra que lhes foi confiada. Que entreguem de modo irrevogável as terras que foram ocupadas pela espada para que de ora em diante sejam território livre e consagrado para a formação do reino de inspiração divina.
11. É desse chamado divino que nasce a nação independente, o Reino de Deus, Nossa Casa eterna, um grão de mostarda, que ora se apresenta como modelo para a instauração definitiva do Reino de Deus, como está profetizado nos textos sagrados. O não reconhecimento da derrota levará inevitavelmente ao agravamento das dores e aflições de bilhões de inocentes. O grande general sanguinário, que não está disposto a sacrificar a sua vida pelas ideias que irão salvar a humanidade e poupar milhões de vidas, continua investindo pesado em seu arsenal de destruição, sempre pronto a se servir da violência para alcançar o poder. Ele é de fato o lobo voraz em pele de cordeiro, articulando a próxima

carnificina. Já conhecemos as suas obras e a sua incompetência. No século XX, teria destruído por completo a terra se estivesse ao seu alcance.

12. Nossa Casa tem por constituição os textos sagrados de todas as religiões, que em resumo são apenas duas: O amor a Deus e ao próximo como a si mesmo.
13. O amor a Deus se manifesta no reconhecimento de que tudo foi por Ele criado e é dom gratuito. E o amor ao próximo se manifesta na libertação da terra dos que não reconhecem a gratuidade de todos os bens.
14. A negação de Deus está em não lhe atribuir a criação, portanto, no não reconhecimento da gratuidade de todos os bens materiais e espirituais que nos foram confiados. Esta negação levou o ser humano a transformar tudo em dinheiro, postura do filho pródigo. Desta forma transformou a terra num campo de batalha infundável na disputa dos bens, onde as maiores vítimas sempre são os mais pobres e fracos que durante milhares de anos sofrem as consequências mais terríveis dessa negação.
15. O Reino de Deus, Nossa Casa eterna, é uma nação independente instaurada em sua concretude no dia 21.12.2012, dia que marca a volta do Espírito divino profetizado nos textos das Escrituras Sagradas de todas as nações, mesmo daquelas que tiveram seus territórios brutalmente saqueados e foram varridas da face da terra. Chegou o momento de cumprir com estes textos em sua íntegra. Nossa Casa marca o início do retorno de todo ser humano para o seu lugar de origem, o território sagrado, a casa divina, onde tudo é sagrado. Entenda-se, sagrado é o que não tem preço, o que está fora do alcance do mercado.
16. Pede-se aos chefes dos exércitos das nações a garantia de não atacarem nenhum templo; pelo contrário, defendam os templos de modo que estes possam realizar o seu trabalho até que todos os territórios estejam livres do poder do dinheiro e das armas. O Reino de Deus, conforme as Escrituras, não vem de modo ostensivo, mas será estabelecido na terra sem o derramamento de uma só gota de sangue.
17. Nossa Casa, o braço direito dos templos, vai realizar tudo conforme as Escrituras Sagradas. A sua estrutura é perfeita. O que ela é em seu microcosmo, ela será em seu macrocosmo.
18. Os territórios de todos os templos representam dentro da parábola do filho pródigo o Irmão mais velho, que ficou com inveja do Irmão mais moço, que depois de incorrer em toda sorte de erros, recobrou a visão e, voltando para casa, foi restabelecido em todos os seus direitos.
19. O Reino de Deus tem por herdeiros todo ser humano que se sacrifica, se necessário for, pela pátria divina, a ser estabelecida em toda a terra. À imagem e semelhança de seu Criador, consideram a terra lugar sagrado, sua herança eterna, e estão aqui para libertá-la

de toda má administração, livre de cobranças, taxas e impostos, pois Deus nada cobra de ninguém a não ser a gratidão pela sua infinita bondade.

20. As leis divinas da liberdade máxima só podem ser vividas em um território igualmente livre de qualquer taxaço e cobrança. Os territórios ocupados à força pelas armas que deram origem a todas as nações devem agora ser libertados a partir da execução das palavras dos textos sagrados: “Vocês receberam de graça, agora vão e façam o mesmo.” (Mt 10,8)
21. Todo território conquistado e ocupado legitimamente nas leis divinas é sagrado e faz parte do reino divino, portanto, não se submete a nenhuma nação. Como tal deve estar livre de todas as taxas e seus cidadãos devem ter acesso livre a todos os bens como acontece em Nossa Casa.
22. Esta lei que já é aplicada e respeitada pelas nações aos templos e legítimos sacerdotes desses templos, construídos ao longo da história, será agora estendida a todas as terras assim conquistadas, pois que dos templos depois de milhares de anos de ensino/aprendizagem espera-se que saiam os alunos perfeitos na execução da obra máxima, o Reino de Deus.
23. Nunca acredite em agitadores que querem levar a multidão com eles. O verdadeiro libertador mostra a forma concreta do Reino que propõe em miniatura e oferece a sua vida como garantia. É capaz de suportar as maiores perseguições e torturas pela liberdade de todos para que ninguém se machuque. O agitador, se vale de uma ideologia, de uma utopia, cuidadosamente articulada; mas como ele mesmo e os que estão com ele não são uma prova concreta do que afirmam, pois não conhecem os caminhos da liberdade e da justiça divinas, querem impor aos outros aquilo que eles mesmos não têm coragem de viver.
24. Antes de se lançar em combate a favor de um dos dois grandes generais, um à sua direita e o outro à sua esquerda, que pela enésima vez estão convocando as multidões para uma carnificina sem par em favor de suas ideias, peça a eles que façam o duelo dos nobres, que se enfrentem em campo aberto. As multidões, por sua vez, assistindo ao espetáculo ficarão comprometidas em praticar as ideias daquele que se deixar sacrificar em favor da libertação de todos. É nessa prova que se separam os carnificinas dos libertadores; os adultos das crianças; os verdadeiros guerreiros dos que brincam com a guerra; os grandes dos pequenos; os nobres dos que ainda não alcançaram tal posto. O verdadeiro libertador é aquele que se sacrifica na convicção de suas ideias, no eterno retorno do Espírito divino para que todos tenham vida plena. O mercenário está disposto a sacrificar milhões de vidas para impor as suas ideias egoístas. A imposição já é por si só uma prova do caráter

autoritário. O Espírito divino leva em si a certeza da liberdade completa e para chegar a este ponto precisa escalar os degraus até o céu. Esta é a meta do Reino de Deus.

25. O que se reivindica é o respeito ao que foi contratado: a confirmação desses direitos adquiridos durante milhares de anos de luta. Ou será que a autoridade máxima de qualquer país ainda hoje teria coragem de pisotear com os seus cavalos qualquer espaço consagrado a Deus ou mesmo de cobrar do Criador um centavo que seja?
26. Os construtores do Reino de Deus são portadores de um nome que carrega uma entidade espiritual de valores divinos, portanto, imortal. Cada nome que carrega esta entidade é por dedução igualmente imortal, não pelo nome, mas pela sua unidade com Deus. Esse é um direito adquirido pelos Santos e ele se estende a todos os batizados em nome de Deus.
27. As nações do mundo inteiro devem agora prestar contas pelo sangue dos inocentes derramado durante milhares de anos. Por que impuseram e impõem o jugo da mortalidade aos que são de Deus? Por que exigem o atestado de óbito dos seus cidadãos batizados nos templos? O batismo não é o direito adquirido da vitória sobre a morte? Por que insistem em arrastar os nomes dos batizados ao vale da morte?
28. O nome de cada herdeiro do Reino de Deus será resgatado do vale da morte, porque eles são os ressuscitados e eles brilharão como pérolas preciosas na construção do Reino de Deus. Todo ser humano que morar em Nossa Casa terá seu nome inscrito nas paredes como sinal de inclusão, pois ao cabo ninguém ficará de fora.
29. Como Nossa Casa está fundada nas leis divinas do amor, ela não tem em seus territórios nem armas, nem muros, nem prisões, nem castigos, nem violência, nem discriminação de raça, sexo ou cor, disponibilizando a todos os seres humanos acesso livre a seus bens materiais e espirituais.
30. É justo que toda nação seja responsabilizada pelos danos causados a qualquer templo, se apenas um de seus cidadãos mal-educados invadir e violar as leis de amor nela vigentes. Assim como todo Pai deve responder pela má educação de seus Filhos, também toda nação deve ser responsabilizada pelos prejuízos causados pelos seus cidadãos aos templos, que constituem o território do Reino de Deus.
31. É justo que as nações tratem os herdeiros do Reino de Deus como estes tratam os cidadãos de todas as nações, oferecendo-lhes acesso gratuito a todos os bens materiais e espirituais.
32. O Reino de Deus é uma nação fundada nos princípios da lei do amor, da gratidão, da igualdade, liberdade, fraternidade e justiça divinas. Esta nação cumprirá a sua missão de consagrar toda a terra a Deus sem transgredir uma só lei de qualquer país.
33. Todo ser humano que requeira para si a cidadania do Reino de Deus deve ter esse direito.

Espera-se que as nações não criem nem muros nem obstáculos de espécie alguma que impeçam seus cidadãos de escolher livremente a sua cidadania.

34. Todo cidadão de qualquer país da terra que se decidir por transformar a sua casa, as suas terras, os seus bens em território consagrado dentro das leis das Escrituras divinas, optando por ser cidadão do Reino de Deus, deve ser respeitado em sua escolha de cidadania, pois como soberano do território que lhe pertence tem autonomia sobre ele para proclamá-lo como território sagrado, portanto, livre do jugo das nações.
35. Por esta atitude, a mais nobre possível, em seu casamento com o Espírito divino herda por direito o sobrenome “de Deus”, fundido ao seu primeiro nome que não será esquecido porque ficará inscrito na Casa que ele mesmo consagrou ao Reino de Deus. Será ao cabo proclamado, junto com todos os nomes que assim agiram, libertador da terra dos que dela fizeram um campo de batalha na disputa dos bens que pertencem a Deus.
36. A colheita está madura. Os cidadãos das nações estrangeiras que por milhares de anos frequentam gratuitamente os templos e recebem os ensinamentos dos Santos estão prontos para seguirem a obra máxima de todo Santo: Conquistar um pedacinho de terra que seja, consagrá-la ao Reino divino e assim ter seu nome inscrito na história da nação das nações, daqueles que libertaram a terra de todo o mal como está profetizado nas Escrituras.
37. O que hora se comemora é a proclamação da união dos territórios de todos os templos de Deus na terra na formação de uma nação independente, o Reino de Deus, Nossa Casa eterna. Isto é motivo de festa para todo ser humano, pois se trata de sua libertação de todas as forças do mal que o oprimiram durante milhares de anos.
38. Não quero ser julgado pelo meu passado e nem pelas minhas palavras, mas apenas pela obra que ora apresento: Nossa Casa. Ninguém em sã consciência poderia negar que ela é o microcosmo, o grão de mostarda, de um reino perfeito sem muros, sem chaves, sem prisões, sem guerras, sem fome, sem violência de espécie alguma: o reino anunciado nos textos sagrados. Como poderia haver fome, sede, desabrigados, desnudos, doentes de espírito, presos ou mesmo qualquer tipo de violência se todos têm acesso livre e perene aos bens disponíveis?
39. Não se trata aqui de uma utopia, de um achismo, de uma opinião particular, mas de um espaço concreto, uma demonstração científica irrefutável. E a prova é esta: Tome a Nossa Casa, a célula *mater* do Reino divino, descrita nos textos sagrados, que de ora em diante pode ser vista em sua concretude, e multiplique esta célula por bilhões e você verá este microcosmo na extensão total da terra. Mas se porventura alguém conseguir encontrar um só defeito que seja em Nossa Casa, negando esta verdade, que o aponte e estaremos prontos

para corrigi-lo. Mas se mesmo assim não se tornar um cidadão da Nossa Casa por que razão deveríamos acreditar nele? Se não consegue acreditar na perfeição, quem poderia salvá-lo de si mesmo? “*Ó vós que credes! Porque dizeis o que não fazeis? Grave é, em sendo abominação perante Allah, que digais o que não fazeis!*” [Surah As-Saff 61, aya 2 a 3].

40. Se não consegue acreditar na obra perfeita, vendo-a em sua concretude, nenhum dos grandes sábios da terra, nem ninguém dos enviados por Deus poderia socorrê-lo, pois o seu socorro já lhe foi enviado inúmeras vezes. E agora mais do que nunca você pode vê-lo em sua forma concreta. O socorro está na obra perfeita nascida dos textos sagrados. Só é possível ter olhos para a perfeição se de fato nos colocamos em seu encaixo.
41. Mesmo que não reconheçam o Espírito divino e continuem a abortá-lo e assassiná-lo, como fizeram covardemente com bilhões de seres humanos, desrespeitando não só as leis das Escrituras Sagradas, mas também as leis de suas nações, a vitória do Espírito de Deus será certa como um e um são dois. Não temos medo dos que matam o corpo. Entra ano e sai ano e o Espírito divino retorna com maior força ainda.
42. Quanto aos templos, pede-se que parem de filtrar mosquitos e não engulam o grande camelo: a terra comandada pelo dinheiro. Vamos promover a união em torno daquilo que realmente importa e que todos os templos têm em comum: A terra e tudo o que nela há é sagrado e pertence a Deus! Ela deve, portanto, estar fora das prateleiras do mercado. Nossa Casa pede a benção dos templos e de todos os seres humanos para que possa realizar sem tocar em um só fio de cabelo de qualquer ser humano a obra perfeita, o Reino de Deus.
43. Tudo aquilo que nas Escrituras Sagradas em parábolas não estava suficientemente claro, no Reino de Deus, Nossa Casa eterna, se torna cristalino. Quem não está a favor desse Reino, trabalha contra si mesmo, portanto, contra Deus. Não participar da construção desse Reino é optar livremente pela exclusão de seu nome entre os vivos e aceitar que seja esquecido na região dos mortos. Quem tiver olhos para ver, veja!

REFERÊNCIAS

Alcorão – *escritura sagrada muçulmana*. Lisboa: junta de i. Científicas, 1979.

Bíblia – *escritura sagrada cristã*. São paulo: ave maria, 1997.

Galeano, eduardo. *Para que serve a utopia?* Online: <https://www.contioutra.com/para-que-serve-utopia-eduardo-galeano/> - acesso em 28.04.2019

Goethe, johann wolfgang von. *Uma tragédia. Segunda parte*. Trad. Jenny klabin segall. São paulo: editora 34, 2013.